

será?" Mas a admiração era geral: Zefa Calango delirava com a visão, Tonho lamentava não ter trazido bebida, Josafato salientou que era "a coisa mais bonita que tinha aparecido no sertão". As crianças não se embarçaram: pequeninas e magras, não teriam problemas de acomodação.

À distância, a arca parecia uma pedra envolta pela emanção da areia e de milhares de pessoas. O céu havia desaparecido, a arca ocupava todo o horizonte. Muitos e muitos confiavam no convite e foram se reunindo aos que já embarcavam. Uns poucos arredaram: "Só tinha que dar nisso aquela história de bem-aventurados uma porção de coisas porque deles não sei o quê mais."

Mas acabaram entrando.

A arca, no dentro, era de madeira mesmo, alisada no capricho, de boa feitura. Tinha três andares e janelas bem lá no alto, pequenas, estrelas penduradas no novo. No velho que entrava tudo era entusiasmo nascido. E muitas perguntas. Tomé queria que lhe explicassem as palavras do cavaleiro, que ele achava muitas e difíceis: "escolarização", "proventos", "portunidades"... Ninguém se lembrava, "mas coisa ruim não deve ser não, replicava Zefa Calango, deliciada.

Quando a porta foi fechada por um homem todo de preto, todo o vivo do sertão sobrevivia dentro da arca. O orgulho transfigurava os rostos, a comida jorrou farta, os roubos incentivaram iras, o menos queria ser o mais, o sexo comeu o que pôde, a preguiça paralisou tudo. Era a noite eterna dos tempos.

Uma vez começaram os primeiros solavancos, alguns ruídos diferentes, uma âncora foi lançada. E parou. No canteiro central de uma praça no meio da cidade grande. Quase ninguém prestou atenção, mas de dentro de uma arca que veio de longe saíram uns animais berrando dolorosamente, as cabeças espremidas entre os dedos crispados, os pescoços apertados por correias. Lançados às ruas, desapareceram, sozinhos, no meio de nunca mais o antes.

O PADRINHO

Airton Paschoa*

Conseguira passar pela senhoria sem ser visto, enfiara pelo corredor como uma sombra, e agora tomava fôlego, rápido, antes de bater à porta.

Bateu levemente, receoso... nada. Quando decidira, finalmente, imprimir um pouco mais de força, a porta abriu-se, e ela elevou o indicador aos lábios. As crianças dormiam.

Entrou, pisando em ovos e brinquedos. Ela sorriu, a desculpar-se, recolhendo-os, e indicou-lhe uma cadeira.

— Cumprimenta o padrinho, sussurrou.

E uma menina de uns cinco, seis anos, moreninha, quase índia, a cara da mãe escrito, saiu debaixo da mesa, amuada.

— Essa não dorme...

O padrinho pegou-lhe o bracinho estendido, levou a mão ao bolso, num gesto de quem busca alguma coisa, deixou-a lá... paralisado! Trocara de paletó à saída, achando que combinava mais, e esquecera de retirar as balas. Olhou para a menina, desenxavido, passou-lhe a mão na cabeça, sorriu, sem ser correspondido.

— Pronto, mamãe?

A mulher, reprimindo o sorriso de orgulho, fez que sim com cabeça, e a menina retornou ao esconderijo.

— Não está muito escuro? balbuciou o padrinho.

Ela fez que não ouviu, ele sussurrou mais alto. Tão escuro achava, para o crochê... ela estava acostumada, ou não ligava, ou que não era crochê, era tricô, ou que ela precisava terminar aquela pecinha, tudo isso parecia indicar o negaceio de cabeça suave.

— E sua mulher, melhorou?

Tirou os óculos para vê-lo melhor. Ele agradeceu, calado, e não foi apenas à delicadeza da pergunta, foi sobretudo a seus olhos livres, luminosos, daquela doçura que le tanto lutava por explicar, que agradecia, comovido.

Recolocou-os, ameaçou recolocá-los, pensando reiniciar a tarefa, deteve-se. Tinha razão, talvez estivesse escuro, e soltou o cabelo, que lhe caiu ombro abaixo, como um manto.

* Jornalista e Pós-Graduando (Mestrado) em Literatura Brasileira.

Fitaram-se, e antes que enlaçassem as mãos, ou ela levantasse para coar o café, surgiu do quarto, tropeçando, esfregando os olhos, um menino de uns três aninhos, choroso.

— Descalço, meu anjo... Por que não pôs os chinelinhos?

Quería colo. Ela pegou-o e beijou-o, muito.

— Não cumprimenta o padrinho agora? encarando-o, fingindo-se de séria.

O menino, estremunhando embora, fez que não, decidido. Depois começou a bater as pernas, queria descer, brincar, e antes da reprimenda da mãe, o padrinho interveio mansamente em seu favor.

Ela pôs a mesa e preparou o café.

O padrinho recusou o pãozinho com margarina, nem a bolacha de maisena nada, um cafezinho apenas, com muito gosto. Não queria sujar os dentes.

— Esmeralda...

Gostava de pronunciar-lo, quase à toa, mais ainda depois de lhe terem lembrado que era nome de pedra preciosa. Esmeralda...

Esmeralda terminara de dar café às duas crianças, e mandava-os ao quarto, ao outro cômodo da casa, brincarem, mas sem acordarem o irmãozinho menor.

— Chamei, eu? Ah, sim... estou falando com o chefe... lá do escritório... talvez um lugar na fábrica... o serviço é duro, trabalham em pé, as coitadas... mas como você insiste...

Ela ajoelhou-se a seus pés, pegou-lhe na mão, beijou-a, depois depositou nela a face, em novo beijo, demorado e sem lábios. O padrinho esteve a pique de violentá-la. A humildade exasperava o desejo, os ciúmes. Ciúmes do chefe a que ia obedecer, ciúmes do patrão que ia explorá-la, ciúmes do cobrador que ia tocar-lhe nos dedos, ciúmes das amigas que ia arrumar, ciúmes de tudo, de todos, do marido, que deixara no interior, dos filhos, que a sugavam...

— Não... por favor... o que é isso, meu Deus? ergueu-se e ergueu-a. É tão pouco o que faço...

Entraram as crianças, a menina carregando o irmãozinho de colo, misteriosamente quieto, protegendo-o do outro, que queria carregá-lo também. O padrinho aproveitou para deixar, rápido, um maço de notas enrolado no cesto de tricô.

— Ele acordou sozinho, ia perguntando Esmeralda, tentando fazer cara feia, ou foram vocês que...

— Ele disse que quer mamar, mamãe, respondeu a menina.

Esmeralda torceu a custo o riso, tomou-o dos braços da menina, ainda dormindo quase, beijou-o e sentou-se, rodeada dos filhos, que queriam ver mamar o caçulinha. Mimou-o um pouco, corda. O padrinho baixou os olhos, voltou a sentar-se de lado. Mas pouco a pouco, foi virando-se, até contemplar a cena, sem rodeios, frontalmente... A mãe, levemente inclinada sobre os filhos, absorta e absorvida, os acolhia e protegia, num abraço mudo e sem braços, num aconchego largo e ao

mesmo tempo restrito, centripedo, empedrado, como uma espécie de monumento público, mas íntimo, um tesouro perdido numa sala de museu, uma fonte familiar e milagrosa, em praça pequena, alheia, milenar, indiferente aos passos dos homens.

O padrinho levantou-se de golpe, não sei, transeunte e intruso, mas não se amolasse, por favor, já eram horas, ele voltaria novamente, novamente domingo, domingo à tarde, se retirando, pé ante pé, de costas, abanando a mão e a cabeça, mas, por Deus, não se amolasse mesmo, e tomando fôlego, lento, lentamente, depois de ter fechado cuidadosamente a porta.